



Quelémentina, Cadê Você?

Sinopse

*“Quando eu morrer
Vou bater lá na porta do céu
E vou falar pra São Pedro
Que ninguém quer essa vida cruel”*

O batuque fervia na relva verde dos campos de Valença, ritmado pelo canto das lavadeiras que entretinham o tempo e relembavam o passado ancestral de sua gente. Herança que ganharia forma na voz inconfundível daquela que, desde sempre Rainha, seria, enfim, décadas depois, coroada.

Vivia Clementina!

A fé nasceu com ela no Carambita e se fez presente em toda a sua vida: uma vida sem fé, para Clementina, não era vida. No seu espírito alegre qual uma flor, a tradição das Áfricas. Estava tudo lá e ela era tudo por inteiro. A valenciana dos Jongos, Curimas, Pastoris, Folias de Reis, que se protegia – alma aguerrida sim senhô! – com o poder do banzo e da mãe ganhadeira de beira de rio com devoção de rezadeira.

Herdeira do povo Banto, das negras e negros guerreiros, de todos que ansiavam por serem ouvidos, daqueles que sofreram em kalungas, é ela quem personifica a voz brasileira. Mulher, preta, pobre, idosa, doméstica, favelada, gigante, Rainha! Tina, a Preta do Brasil! Negra da voz rasgada! Cruzavam seu peito a cruz para fechar o corpo e o terço protetor de Nossa Senhora da Glória.

Saiu da roça para viver e ser o próprio morro, lavadeira e doméstica com orgulho – jamais empregada de branco algum! Subia e descia ladeiras, desde nova andando pelas bandas de Oswaldo Cruz e depois enroscando-se aos Pés da Mangueira, o samba na veia e a nêga com sorriso estampado de quem sabia viver.



G.R.C.E.S. MOCIDADE ALEGRE

Carnaval 2021

No caminho iluminado, impedia o desbotado covarde destino que a coroação acontecesse mais cedo – a Preta Véia, cara a cara com ele, torceu-o na marra com a plenitude da sabedoria. Em meio a tantas perdas, a alegria perdurou e deu retorno no seu peito aberto que acolhia os dissabores dos excluídos e resistentes no toque do atabaque. O som da cor foi maestro na constituição de alianças fraternais. Foi assim que o Sagrado promoveu encontros que marcaram para sempre a história do samba. Testemunha viva daqueles primeiros voos da Águia de Madureira, as raízes africanas aproximaram-na do Candomblé e, com seu corpo fechado, figurou como baluarte do samba. Colheu, da Portela e da Mangueira, o mais belo fruto: a amizade verdadeira dos bambas.

A miséria doía, claro, mas o espírito era mais forte. Ecoou pelo mundo a negritude da nossa Dama Negra por batismo e por ancestralidade, essa nobre gigante brasileira! Rainha Ginga na janela cantando histórias à terra batida e aos ouvidos de hoje e de outrora, comadres e compadres enfeitiçados pela musicalidade, enquanto fervia feijão para todos nós! A Ela, a Glória! A arte de sambar com o coração e a boemia na Taberna da Glória, Clementina mostrando-se, impondo-se para ser reconhecida!

Rainha que sentiu na pele o peso do preconceito, da dor e do desamor. Sonhou a liberdade através do samba, enquanto a madrugada fria lhe trazia a agonia das favelas da sua vida. Seu canto-lamento, alimentado pelas agruras da dura realidade, deu alma à pioneira voz. E a filha lavou a alma das pretas! Pelos morros sagrados e nos asfaltos pálidos, ela defendia uma vida de respeito. A voz que trouxe visibilidade à mulher negra foi Rosa de Ouro e levou a negritude aos palcos, entrando de vez para o estrelato, benzedeira dona dos segredos dos mistérios do samba.

Quelé!



G.R.C.E.S. MOCIDADE ALEGRE

Carnaval 2021

Em seus cantos, a luta das negras e negros açoitados, a dor do processo de crueldade alva que por séculos abafou a voz preta. O Tempo deu tempo para que o Axé e sua luta fizessem-na surgir para a aclamação, tornando-a um dos pilares desse nosso chão. Cantava quase falando e falava sempre cantando, as palavras roucas dançando na boca por vezes triste, clemência da vida sofrida, mas fortes pela herança preta que deu os tons que chacoalharam o Brasil.

O tempo corria como se fizesse uma pergunta: “Clementina, cadê você?”

Quelé respondia, aguerrida: “Estou aqui! Fui feita pra vadiar!”

E como vadiou! Brincou, cantou e encantou o Brasil. Negra-Mãe da música feita e refeita na luta pela liberdade – na garganta da Preta Quelementina, o grito de dignidade dos que não tiveram direito nem à tradição do próprio nome. A nêga pediu passagem e o mundo se curvou. Rainha-Peixeira, liberdade conquistada no gogó e com o trilhado traçado pelas próprias pernas endurecidas, inquebráveis. Ela, aquela dos barracos, cozinheira, neta de escravos, Rainha dos Marinheiros, é quem sentenciou: “Levanta, povo! O cativo já acabou!”. Sorriu na dor para impor o valor e a força das pretas ao mundo inteiro.

Tornou-se Santa no altar da música brasileira!

Devota pastora, personificação sincrética brasileira, com sua Nossa Senhora da Glória andou de mãos dadas entoando o som dos escravos – canções, partidos-altos e ladainhas. E mais Glória para Clementina, a de Jesus, a dos sambas, a dos cantos para Oxalá, Yao, Abaluaiê, Oxum e Nossa Senhora da Conceição, Xangô e João Batista, e Deus Vos Salve a Casa Santa! Mãe dos lamentos e esperanças de baianas, quituteiras, estivadores, sambistas, partideiros. Mulher guerreira que cosia, no tom da agulha do ritmo da sua música, a união entre os rios dos peixes e das flores e cabos de marfim.



G.R.C.E.S. MOCIDADE ALEGRE

Carnaval 2021

Filha de Zambi, nunca titubeou e encarou o sucesso de frente. A cantadora do mundo negro, parceira de jongueiros, capoeiras e violeiros, brasileira filha do ventre africano, flor preta cortejo de união. Bebeu da água que encobre sangue escravizado e, sobre o Atlântico Negro, salgou-se nas espumas flutuantes do desejo de voltar ao Continente Mãe, apoteose da artista! Na alma, a memória viva do corpo negro: nela, o retrato dos antepassados. Quelé é comunhão, é força ancestral da negritude que rompeu barreiras e encantou o mundo. É orgulho da nossa gente. Quelé é Voz de Navalha, é Mulher, é Negra!

E a Mocidade Alegre, súdita, hoje, frente a ela se ajoelha! Em 2021, o Bairro do Limão, Morada do Samba e da Emoção, será palco para uma nova coroação da Rainha da Canção.

Eterna Quelé vive!

Vamos vadiar ou não?

Presidente **Solange Cruz Bichara**

Carnavalesco **Edson Pereira**

Concepção de Enredo e de Sinopse **Edson Pereira, Clark Mangabeira,**

Flávio Magalhães e Victor Marques

Texto **Victor Marques e Clark Mangabeira**

Colaboração **Departamento Cultural**



Explicações sobre alguns trechos da sinopse:

- 1) **Valença** – local de nascimento de Clementina – “Nascida na cidade de Valença (RJ), região do Vale do Paraíba, tradicional reduto de jongueiros, Clementina era filha da parteira Amélia de Jesus dos Santos e de Paulo Batista dos Santos, capoeira e violeiro da região”. (Fonte: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e-memória/historia-e-memoria/2014/07/17/clementina-de-jesus>)
- 2) **Lavadeiras** – referência à mãe de Clementina– fonte: Livro “Quelé – a voz da cor” - pg. 27 – “o córrego a que Elton Medeiros se refere era o córrego nos fundos da casa de Quelé em Valença, onde sua mãe lavava roupas. Durante a labuta, a função de Tina, seu apelido na infância, era acender o cachimbo para a mão fumar”; e em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,clementina-de-jesus-ganha-biografia,20020206p3079>
- 3) **Qual uma flor** – trecho a música “Clementina de Jesus”, de “Os Originais do Samba” (<https://www.youtube.com/watch?v=b5NeM14s0Y0>)
- 4) **Tina** – apelido de Clementina
- 5) **Filha de Zambi** – referência à música “Assim não Zambi” - <https://www.youtube.com/watch?v=Wsq1a0pzDuw>
<https://www.youtube.com/watch?v=KYhUr18CGBo>
- 6) **a cruz para fechar o corpo e o terço protetor de Nossa Senhora da Glória** – referência à fé de Clementina em Nossa Senhora da Glória e à ideia de corpo fechado, da tradição africana, segundo consta na biografia “Quelé – a Voz da Cor”, na página 49, depoimento da própria Clementina: “Eu estava na casa da minha comadre. Uma cerimônia muito bonita que ela fez no primeiro dia do ano, meia-noite. Todo mundo foi fazer a seita, essa obrigação. Diz que era pra fechar o corpo. Aí todo mundo levou uma cruz no peito...”. Ademais, “Os quatro autores contam que Clementina foi criada “sobre duas distintas vertentes: o catolicismo e as religiões de matrizes africanas, como o candomblé, presente em muitos de seus cantos”. O pai ajudou a construir a igreja de Carambita, bairro de Valença onde a família morava e de onde saíria em 1908 para morar no Rio, em Jacarepaguá”(fonte: <https://www.geledes.org.br/clementina-de-uma-voz-do-povo-emerge-o-canto-ancestral/>)



G.R.C.E.S. MOCIDADE ALEGRE

Carnaval 2021

- 7) **baianas, quituteiras, estivadores, sambistas, partideiros!** – referência ao marido estivador, ao Samba e ao partido-Alto: “Após a morte do pai, Clementina e sua mãe se mudaram para o bairro Oswaldo Cruz, subúrbio rural do Rio e sozinhas buscaram se sustentar. Ambas passaram a trabalhar como empregadas domésticas, uma das atividades mais exercidas pelas mulheres negras no período após a abolição. Era na Pequena África da baiana Tia Ciata e na Escola de Samba Unidos do Riachuelo, onde foi diretora que Clementina esquecia momentaneamente da dureza do trabalho. Na década de 1930, dançando e cantando sob o chão batido, pôde conhecer diversas pessoas que se preocupavam com a resistência cultural afro-brasileira, como Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Paulo da Portela, Noel Rosa, Aniceto do Império e Albino Pé Grande, que viria a ser seu companheiro. Albino era morador do Buraco Quente, no Morro da Mangueira.” (<https://esquerdaonline.com.br/2018/03/06/mulheres-do-samba-viva-clementina-de-jesus-rainha-quele-baoba-da-cultura-afro-brasileira/> e “Tem muita macumba bonita”, dizia a devota de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Glória. Corpo fechado, trazia a cruz “cravada” na pele do peito. Quelé frequentou a lendária casa de Tia Ciata, berço do samba carioca, assim como a mítica Praça Onze. Era amiga de Heitor dos Prazeres e de Paulo da Portela. (<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/02/quele-a-voz-da-cor-uma-biografia-de-clementina-de-jesus.html>)
- 8) **Mulher guerreira que cosia, no tom da agulha do ritmo da sua música, a união entre os rios dos peixes e das flores e cabos de marfim** – referência poética à música “Duas Modas” - <https://www.youtube.com/watch?v=5rYw0Lkb-6E>
- 9) **Jongos, Curimas, Pastoris, Folias de Reis** – referência à constituição da identidade de Clementina. Exemplos e fontes: (1) Música Ponto de Jongo - <https://www.youtube.com/watch?v=XJ2nwx7khq8>; (2) Curimas – no livro “Quelé”, pg. 48, “Clementina costumava chamar Curimba de Curima”; (3) Pastoris – no livro “Quelé”, pg. 42, “Quelé passou a integrar o grupo das Pastorinhas e saía pelas ruas de Jacarepaguá cantando”; (4) Folias de Reis – “Até os quinze anos, Clementina participou do grupo de Folia de Reis de seu João Cartolinha, renomado mestre da região. Foi João quem levou a moça para o Bloco As Moreninhas das Campinas, embrião da Escola de Samba Portela, onde ocorriam de rodas de samba e onde Clementina conheceu grandes bambas como Paulo da Portela, Claudionor e Ismael Silva



G.R.C.E.S. MOCIDADE ALEGRE

Carnaval 2021

- (<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e-memória/historia-e-memoria/2014/07/17/clementina-de-jesus>).
- 10) **Rainha-Peixeira** – referência poética à música “Clementina Cadê Você” - <https://www.letras.mus.br/clementina-de-jesus/1951710/>
 - 11) **Rainha dos Marinheiros** – referência poética à música “Marinheiro Só” - <https://www.youtube.com/watch?v=RQMBOLzajEg>
 - 12) **“Levanta, povo! O cativoiro já acabou!”**. – letra da música “Cangoma Me Chamou” - https://www.youtube.com/watch?v=zFk4A-xo_Vg
 - 13) **Carambita** – bairro onde Clementina morava em Valença.
 - 14) **Oswaldo Cruz** – Referência ao bairro da portela, que Clementina frequentava: “Aos sete anos veio com a família para a cidade do Rio de Janeiro, bairro de Oswaldo Cruz, onde mais tarde surgiria a tradicional Escola de Samba Portela. Lá frequentou em regime semi-interno o Orfanato Santo Antonio e “Cresceu assim num misticismo estranho: vendo a mãe rezar em jejê nagô e cantar num dialeto provavelmente iorubano, e ao mesmo tempo apegada a crença católica.” (Hermínio Bello de Carvalho)”(fonte: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e-memória/historia-e-memoria/2014/07/17/clementina-de-jesus>)
 - 15) **Pés da Mangueira** – referência dupla ao marido Pé Grande e ao morro da Mangueira: “Casou-se com Albino Pé Grande e foi morar no Morro da Mangueira, de onde não saiu mais. Ao longo destes anos Clementina trabalhou como lavadeira e empregada doméstica. Sua atividade de cantora ela exercia sem intenção de fazer-se profissional, cantava porque preciso era cantar, por prazer, por alegria. fonte: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e-memória/historia-e-memoria/2014/07/17/clementina-de-jesus>).
 - 16) **Rainha Ginga** – “Ficou conhecida como Rainha Ginga por estabelecer um elo entre o Brasil e ancestralidade africana, mas o apelido de uma vida foi Quelé.”(<https://www.geledes.org.br/5-mulheres-que-transformaram-o-samba-para-conhecer-e-reverenciar/>)
 - 17) **Feijão** – referência à música “Não vadeia Clementina”- <https://www.letras.mus.br/clementina-de-jesus/1036049/>
 - 18) **O som da cor foi maestro na constituição de alianças fraternais. / encontros que marcaram para sempre a história do samba. / Colheu, da Portela e da Mangueira, o**



G.R.C.E.S. MOCIDADE ALEGRE

Carnaval 2021

mais belo fruto: a amizade verdadeira dos bambas – Fontes: “Até os quinze anos, Clementina participou do grupo de Folia de Reis de seu João Cartolinha, renomado mestre da região. Foi João quem levou a moça para o Bloco As Moreninhas das Campinas, embrião da Escola de Samba Portela, onde ocorriam de rodas de samba e onde Clementina conheceu grandes bambas como Paulo da Portela, Claudionor e Ismael Silva. Nesse tempo, a voz de Clementina já chamava a atenção e ela foi convidada por Heitor dos Prazeres para ensaiar suas pastoras, o que fez durante muitos anos. [...] A carreira profissional de Clementina de Jesus como cantora começou aos 63 anos, depois que o produtor e compositor Herminio Bello de Carvalho a encontrou na festa da Penha em 1963, quando ela cantava na Taberna da Glória. Hermínio ficou fascinado pela sambista e quando a reencontrou, na inauguração do restaurante Zicartola, passou a ensaiá-la em sua casa, preparando-a para o espetáculo Rosa de Ouro, show que a consagraria. Participavam do show, além de Clementina de Jesus e da cantora Aracy Côrtes, diversos sambistas das Escolas de Samba cariocas, entre os quais os ainda desconhecidos Paulinho da Viola e Elton Medeiros. A crítica foi unânime em exaltar Clementina e seu desempenho, tanto no show quanto nos dois LPs gravados ao vivo, as primeiras gravações da cantora. Nos anos seguintes Clementina participou dos discos Mudando de conversa, Fala Mangueira! e Gente da antiga, este último um disco antológico da música brasileira, ao lado de João da Baiana e Pixinguinha. No continente africano, participou do encontro das artes negras de Dakar em 1966, ao lado de outros bambas como Martinho da Vila e artistas como Rubem Valentin. Clementina foi o maior sucesso do festival e grande destaque. (<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e-memória/historia-e-memoria/2014/07/17/clementina-de-jesus>)

- 19) **Rosa de Ouro** – “Seu lançamento para o grande público aconteceu meses depois, ainda na década de 1960, ao participar do musical “Rosa de Ouro”, organizado por Hermínio Bello de Carvalho, contando com a presença de vários artistas, dentre os quais Elton Medeiros e Aracy Cortes” (Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/descoberta-aos-60-anos-clementina-de-jesus-a-rainha-do-canto-negro-no-brasil-21590902>)
- 20) **Vadiar** – na música “Não vadeia Clamentina”, há uma espécie de diálogo no qual Quelé afirma “Fui feita para vadiar”. Nesse sentido, uniformizou-se o vocábulo “vadiar” em



G.R.C.E.S. MOCIDADE ALEGRE

Carnaval 2021

toda a sinopse, visto que, além de ser homenagem à música, encerra o significado de “andar sem destino ou de se distrair com uma atividade” - <https://duvidas.dicio.com.br/vadiar-ou-vadear/> -, sendo sinônimo de “brincar, caminhar, malandrear, recrear-se, etc.” - <https://www.sinonimos.com.br/vadiar/>.

Presidente **Solange Cruz Bichara**

Carnavalesco **Edson Pereira**

Concepção de Enredo e de Sinopse **Edson Pereira, Clark Mangabeira,
Flávio Magalhães e Victor Marques**

Texto **Victor Marques e Clark Mangabeira**

Colaboração **Departamento Cultural**